

ARMANDO OLIVEIRA LIMA (*)

A

ESCRavidÃO

NA HISTÓRIA

E NA LITERATURA BRASILEIRA

ABSTRACT -

Intermingling knowledge and irony, the author presents a summary about the Negro slavery in Brazil and reviews some historical concepts and gives some impressive examples of the slave's presence in the Brazilian Poetry.

(*) The Author has graduated in Education (Pedagogy) by this College and he delivered this lecture to the pupils of the courses of Languages and History on May 13, 1982.

RESUMO -

Misturando saber e ironia, o Autor apresenta um apanhado da escravidão negra no Brasil, revendo certos conceitos históricos e dando exemplos significativos da presença do escravo na Poesia Brasileira.

(*) O Autor, licenciado em Pedagogia por esta Faculdade, apresentou este trabalho no dia 13 de maio de 1982, aos alunos do Curso de Letras e de História.

"ABOLIÇÃO, MAS DE QUEM?"

I- INTRODUÇÃO

Desejo antes de tudo
com respeito mui profundo
dedicar este trabalho
aos negros de todo o mundo.

Dei-lhe por nome, senhores
e penso que lhe convém,
título bem malicioso:
"Abolição, mas de quem?"

Escolhi, e não à toa,
usar de arma que terço,
e, portanto, é meu desejo
papear com vocês em verso.

Desejei aqui estar,
não obstante a pequenez
porque se há algo de que gosto
é conversar com vocês.

II- ABSOLUTO RELATIVO

Começo por lhes dizer,
como digo aos botões meus,
que só há um Absoluto
e esse se chama Deus.

Portanto, convém lembrar,
- e isso é definitivo -
que o que não é absoluto
só pode ser relativo.

Absoluto é o completo,
total, pleno, cabal;
independendo de outros
é, pois, incondicional.

Ser relativo, ao revés,
- e não há nisso nenhum mal -
é ser não-absoluto
e, então, condicional.

Quero, com essas razões,
de clareza assaz aguda,
dizer que o relativo
é sempre "estado de muda".

Tirante, portanto, a Deus,
ser completo, diferente,
tudo o que não seja ÊLE
jamais será permanente.

Coisas não definitivas
e em constantes mudanças
devem ser vistas, então,
através suas nuances.

Além disso, meus queridos,
no mundaréu de conceitos
as coisas são encaradas,
não raro, de muitos jeitos.

Portanto, convém lembrar,
para evitar confusão,
que lhes vou oferecer
não mais que a minha opinião.

E opinião, hoje e sempre,
deve ser bem discutida,
porque aceitá-la por nada,
não é, não, boa pedida.

Peço-lhes, pois, que analisem
aquilo que vou dizer;
quem aceitar sem análise,
pode até se arrepender!

Outra coisa importante
e que não lembro em vão:
determinados conceitos
são vistos por extensão.

Tentemos alguns exemplos,
visando à fixação,
jeitinho de demonstrar
que se entendeu a lição...

A noção de absoluto
ligada à nossa existência,
fica clara, alva, pura,
comparada à prepotência.

Relativo é conceito
usado na voz passiva
quando se fala, sem pejo,
em "democracia relativa".

Vejam agora, meus caros,
das nuances, a figura:
essa tal democracia, vai
do bom à ditadura!...

Tentemos outro exemplo,
para esclarecer de vez:
a mulher, enquanto tal,
é tais conceitos, os três.

Mulher boa é "absoluta",
mulher feia é "relativa";
mas a boa pode ser burra
e a feia pode ser viva...

Esclarecidos tais pontos,
do tema chegemos perto,
já que nossa introdução
chega ao fim. Certo?

III- INTELECTUAL/TEORIA/PRÁTICA

Você é um intelectual!
diz-se alhures com muxoxo,
e significa dizer:
- Sai prá lá! Você é um frouxo!

De fato, "intelectual",
em termos de gradação,
pode ser um elogio,
pode ser um palavrão.

Posso com ele expressar:
"homem de letras batuta"
e posso também achar
que ele é um filho da luta...

O fato incontestável
- filho da luta ou não -
é que o intelectual
nunca faz Revolução!

No clima que nos assola
é burrice, é gozação,
pensar que a Escola tem
poder de Revolução.

Fique bem claro, porém,
se o intelectual conscientiza,
leva à grande rebelião
que de armas não precisa.

Ademais, a gente vive
a sempre entrar em "fria",
porque se vê descuidando
da prática da teoria.

Portanto, consideremos,
com respeito, com amor,
que o literato consciente
é sempre um lutador.

E a escola, portanto,
que conscientiza também
desempenha o seu papel
de pensar no mais além.

IV- HISTÓRIA/ESTRUTURA/DOMINAÇÃO

Sociológico é sempre
o substrato da história;
e ali, de conseguinte,
seu fracasso, sua glória.

"A história não se repete"
diz-nos, do mestre, a lição.
Os fatos sociais, ao revés,
são sempre repetição.

Basta ver-se que a história
joga sempre com dois dados:
de um lado, os que dominam,
de outro, os dominados.

Os demais fatos, então,
que ocorrem com frequência,
não são, dessa estrutura,
mais que mera consequência.

Hã, portanto, que buscar
co'aguda percepção,
no confronto dessas forças
de muitas lutas, razão.

O que tem não quer perder,
o que não tem quer ganhar.
É assim, já desde sempre,
tendente a se perpetuar.

Ocorre que aqueles que,
um dia foram escravos,
assim que são feitos livres
não sabem como ser bravos.

Isso porque a liberdade
que todos temos em vista
jamais será uma dádiva,
deve ser sempre conquista.

Assim, quando quem domina
nos faz, a nós, concessão,
não o faz por ser "bonzinho"
mas à força de pressão.

E ocorre ao dominador
novas formas de domínio,
pois se lhe falta consciência
não lhe falta tirocínio...

Assim, a dominação
descarada, suja, vil,
passa a ser exercida
de maneira mais sutil.

E é paradoxal,
embora triste verdade:
menos gritante o domínio,
maior sua ferocidade.

Aos oprimidos, portanto,
ante a nova situação
impõe-se o dever de usar
formas novas de reação.

V- EDUCAÇÃO/CONSCIÊNCIA/DOMÍNIO

Pretendo, agora, levá-los
à triste constatação:
os opressores são mestres
na arte da educação.

Ao longo da nossa história,
o fato é incontroverso,
a educação, ao oprimido,
foi sempre campo adverso.

Assim que nas nossas costas
chegou a nau cabralina,
O Brasil, dito gigante,
viu selar-se sua sina.

Ao ouvir o "terra ã vista!"
ã alegria dando azo,
O Sr. Cabral, da metrôpole,
nos foi conquistando a prazo.

Comecemos pelo índio,
antes senhor destas terras,
e que acabou dizimado,
no início, em muitas guerras.

Foram, depois, destruídos,
- nação após nação -
não só pela força bruta,
mas pela aculturação.

Ressalvadas, hoje em dia,
as que resistem com lutas,
as demais já são redutos
de gonorrêicos, prostitutas.

Aos brancos se reservou
um futuro diferente;
nem por isso, meus amigos,
diz-se que foi mais decente.

Escolas houve e as há
para formar cidadãos,
ao lado das que existem
prá fabricar artesão...

Faz tempo que a educação
é dicotômica entre nós:
a muitos, dever do trabalho
a uns poucos, direito a voz.

Veja-se, então, por favor,
onde detetar-lhe o mal:
a educação por aqui
foi e é só vertical.

Portanto, vale dizer,
de qualquer ponto de vista,
que a nossa educação
só pode ser elitista.

Por isso, massificada,
pretensamente "das massas",
nossas reformas lograram
jamais nublar suas trapaças.

E sabem por quê, vocês todos?
Claro que sabem, por certo:
essas reformas "nunquinha"
quiseram o povo por perto!...

Ainda agora, outro dia,
- os de sempre, por sinal -
expulsaram a Paulo Freire
e inventaram o Mobral...

Eis porque a educação
só serve a uma minoria
que sem o serviço dos outros
por certo pereceria.

E se foi assim com o branco,
se com o índio foi assim,
poderia, então, o negro,
esperar por outro fim?

VI- VISÃO HISTÓRICA/O NEGRO

Desejando mais que nunca
Fugir à simples retórica,
Tento agora obter,
do negro, visão histórica.

Preciso considerar,
na execução do projeto,
a presença do irmão-negro
enquanto sujeito e objeto.

Sujeito, quando verteu,
seja na prosa ou no verso,
seus sentimentos negreiros,
de um mundo tão adverso.

Também sujeito, senhores,
quando tentou sem temor,
juntando-se uns aos outros,
a abolição do senhor.

Tal mundo, assim adverso,
que lhe negou seu afeto,
transformou-o, sem piedade,
em rês, em vil objeto.

Objeto, enquanto coisa,
material de se servir,
sem boca p'ra falar,
nem coração de sentir...

Objeto, entretanto,
é termo de vários sentidos,
eu, aqui, o considero
sinônimo de oprimidos.

Fora impossível lograr
a domesticação do nativo,
e necessário buscar,
lá fora, substitutivo.

Tangidos, pois, como o gado,
d'África, lá, tão distante,
os negros aqui conheceram
do branco, a força do guante.

Mão de obra, então barata,
prô trabalho braço forte,
a negrada recém-chegada
não raro encontrou a morte.

E à custa do sacrifício
de quantos cá pereceram,
os enormes latifúndios
então se desenvolveram.

Mais que isso, no entanto,
- já de si uma esperteza -
o tráfico escravo aumentava
do português a riqueza.

E não só do português.
Alguns bons anos depois,
já havia brasileiro
rico com negros e bois.

Olha, não vou me alongar,
em fatos já conhecidos.
Prefiro a abordagem
dos quase sempre omitidos.

Grandemente vergonhosa
da escravidão, o papel,
que a Pátria ainda louva
a decisão de Isabel.

Longe de mim, desse modo,
desmerecer-lhe o ato;
só quero é demonstrar
bem por trás dele, o fato.

O fato é, meus queridos,
que a aplaudida abolição
não foi causa, foi efeito,
de fase de transição.

O real pano de fundo
do episódio nacional,
decorre de luta surda
entre o urbano e o rural.

Resulta, pois, da presença
na história sempre mutante,
da nascente e promissora
figura do imigrante.

De notar-se, é necessário,
e perdoem que eu insista:
a emergente burguesia
é de origem capitalista.

E não pode, então, por isso,
conviver sem nenhum mal,
com uma estrutura arcaica
de natureza feudal.

A "civilização burguesa"
que nos chega com otimismo
não tem porque florescer
embasada no escravismo.

O negro, então, até ali
sustentação da fortuna,
começa a se transformar
numa figura importuna.

Urge, pois, e sem demora,
livrar-se dele num estalo:
Qual, então, o gran caminho?
entre aspas - "libertã-lo".

Assim foi, assim se fez,
a todos, dada a alforria;
mas havia negro chorando
enquanto o branco sorria.

Fique claro, desde já,
que houve grande resistência
de negros e brancos, durante,
da escravidão, a existência.

Os negros, sim, construíram
do socialismo os patamares,
na sempre nunca lembrada
República dos Palmares.

De uns poucos fugitivos
de situação triste e vil
acabaram por chegar
a ser quase vinte mil!

E não posso, então, agora,
depois de ver o que vi,
deixar de curvar a espinha
ao heróico Rei Zumbi!

Não sei, de fato não sei,
se a história é pra nós escola.
Creio que há muito a aprender
co's nossos irmãos de Angola.

E não apenas de Angola
- que isolada ela não é -
mas também, de muitas outras,
qual Moçambique e Guiné.

Assim, pois, a cada vez
diante da do negro - tumba,
que cada um reverencie
a memória de Lumumba!

Se não quiser ir lá fora,
preferir ficar na grei,
muito bom é que conheça
a história de Chico Rei.

Em suma, amigos meus,
também a historiografia
volta e meia vê as coisas
com lentes de miopia.

E ainda aqui, sempre, sempre,
hoje, ontem como dantes,
há falsos historiadores
lacaios dos dominantes.

Insto-os a que ouçam e vejam,
- abertos olhos e ouvidos -
o desenrolar da história
pelo viés dos oprimidos.

Não pensem, não, lhes suplico
que aqui instilo o ódio;
não quero mais do que ver
o humilde levado ao pódio.

Aliás, relembro Brecht
e das suas perguntas, seis:
"Quem contruiu a Tebas das sete portas?
Os livros só falam dos reis."

Vai mais além o poeta
- e como o danado ensina! -
"Para onde foram os pedreiros
pronta a Muralha da China?"

César bateu os gauleses,
violento e forte inimigo.
"Não teria ele, ao menos,
um cozinheiro consigo?"

A Roma dos Arcos do Triunfo
um dia o poeta visitou
e logo, então, quis saber:
"Quem foi que os levantou?"

Da Babilônia, tantas vezes destruída,
por vândalos, sacripantas,
vale, então, uma pergunta:
"quem a ergueu outras tantas?"

E diz mais, sem meio-termo,
talvez até com aspereza:
"Um grande homem a cada dez anos.
Quem pagava sua despesa?"

Da história nova, portanto,
não lhes dou mais que um aceno:
quem de fato faz a história
não é o grande, é o pequeno.

É preciso, então, caríssimos,
da história limpar abrolhos;
mas prá isso é imprescindível
ter coragem, ter bons olhos!...

* * * * *

VII- SELETA POÉTICA

Impossível aqui e agora
Tamanha a sua fartura,
falar, exaustivamente,
do negro na literatura.

Darei, então, pinceladas,
já que sou mau pintorzinho.
As tintas com que "tintarei"
terão a cor do carinho.

E vou usar muitas tintas
já que não há outro jeito.
O quadro terá também,
a viva cor do respeito.

Quero insistir inda mais
já que entrei nesta dança:
a cor que mais usarei
terá o matiz da esperança.

A história da escravidão
já o disse, digo agora,
teve muitos combatentes
no epílogo como na aurora.

Alguns, indiretamente,
brancos, negros ou mulatos;
outros, de frente, às claras,
valentes bichos do mato!

Foram vários os "das letras"
que então se opuseram,
jogando-se contra ela,
por inteiro, tal qual eram.

Temos, assim, um Luiz Gama,
de escravo a advogado,
que da condição de negro
nunca quis ser apeado.

Honrava sua negritude
- a vida em solavancos -
satirizando a irmãos negros
querendo passar por brancos.

Quanto ganhasse na banca
de causídico, na liça,
empregava em alforria
ao negro dando justiça!

De Luiz Gama a afirmação,
antológica com certeza:
"escravo matar seu senhor
é um ato de defesa".

E foi assim até a morte
igual do começo ao fim,
evocando a imagem da mãe,
a negra Luisa Mahin.

Não foi, portanto, senhores,
inutilmente, em vão,
o cognome do Gama:
"o Santo d'Abolição".

Um José do Patrocínio,
merece, claro, menção,
pela luta que empreendeu
em prol da libertação.

Tribuno de largos recursos,
fiel à negrura da raiz,
bradava em favor dos escravos
e empolgava o País!

E sabem como morreu
o jornalista impertérrito?
O negro "Zé" do Patrocínio
baixou à tumba paupérrimo!

Temos, depois, um Nabuco,
de oratória brilhante,
a favor da abolição,
tarefa que diz gigante.

Na luta no parlamento,
que conduz de forma airosa,
tem ao seu lado, Saldanha,
o Marinho, e Rui Barbosa.

Na obra "O Abolicionista",
de feição "pré-operária",
Nabuco usa a expressão
"fazer a reforma agrária".

E diz assim, sem rebuços,
jogando da elite ao colo:
"A emancipação se fará
democratizando o solo".

Devo lembrar-lhes agora,
um mulato, antes preto,
que respondia pelo nome
Doutor Tobias Barreto.

Na luta não se engajou,
irmãos nunca defendeu.
Lutou por um só direito,
e tal direito era o seu...

Esqueceu-se, tristemente,
de lutar por suas gentes.
Pagando tão alto preço
às esferas dirigentes.

Mas a cor, estejam certos,
grita mais que o interesse.
E é capaz o Barreto
de um verso como esse:

"Dizem que o Cristo, filho do Deus vivo...
veio ao mundo remir do cativoiro,
e eu vejo o mundo ainda tão cativo!
Se os reis são sempre os reis, o povo ignavo
não deixou de provar o duro freio,

da tirania e da miséria o travo.
Se o homem chora e continua escravo,
de que foi que Jesus salvar-nos veio?"

Não obstante, caros jovens,
a timidez de uns tantos,
lembramos a Castro Alves,
fazendo coro aos seus prantos.

Diga-se que, em verdade,
não houve no país inteiro,
quem como ele exprobasse
os males do cativo.

Jovem fogoso e romântico,
de senso agudo e profundo,
foi quem primeiro intuiu
o binômio "homem-mundo".

De um lado o meio social,
de outro, o homem-irmão;
de ambos resulta o progresso
que flui da contradição.

Fica, então, meridiano,
de afirmações em excesso,
que a feitura do Homem
é um doloroso processo!

Mas Castro é o poeta
na realidade imerso;
e é dali que ele arranca,
com frêmito, o seu verso:

"SENHOR DEUS DOS DESGRAÇADOS!
DIZEI-ME VÓS, SENHOR DEUS!
SE EU DELIRO...
OU SE É VERDADE
TANTO HORROR PERANTE OS CÉUS..."

"Ó mar! por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! Noites! tempestades!
Rolai nas imensidades!
Varrei os mares, tufão!..."

Quem são estes desgraçados,
Que não encontram em vós,
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?

Quem são? Se a estrela se cala,
se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa musa,
musa libérrima, audaz!

São os filhos do deserto
onde a terra esposa a luz.
Onde voa em campo aberto
a tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados,
que com os tigres mosqueados
combatem na solidão...
Ontem simples, fortes, bravos,
Hoje míseros escravos,
sem ar, sem luz, sem razão..."

O gigante Castro Alves
com olhos de águia avista
a mísera vida do negro
e dela se faz cronista:

"Na senzala, úmida, e estreita,
brilha a chama da candeia,
no sapé se esgueira o vento,
E a luz da fogueira ateia.

Junto ao fogo, uma africana,
Sentada, o filho embalando,
vai lentamente cantando
uma tirana indolente,
repassada de aflição.
E o menino ri contente...
Mas treme e fica gelado,
se nas palhas do telhado,
ruge o vento do sertão."

"Eu sou como a garça triste
que mora à beira do rio,
as orvalhadas da noite
me fazem tremer de frio.

Me fazem tremer de frio
como os juncos da lagoa.
Feliz da araponga errante
que é livre, que livre voa.

Que é livre, que livre voa
para as bandas do seu ninho,
e nas braúnas à tarde
canta longe do caminho."

"Canta longe do caminho
por onde o vaqueiro trilha,

se quer descansar as asas
tem a palmeira, a baunilha.

Tem a palmeira, a baunilha,
tem o brejo, a lavadeira,
tem as campinas, as flores,
tem a relva, a trepadeira.

Tem a relva a trepadeira,
todas têm os seus amores.
Eu não tenho mãe nem filhos,
nem irmão, nem lar, nem flores."

Não é, porém, só cronista,
mero cantador de fadário;
Castro Alves de repente,
se revela um planfetário:

"cai, orvalho do sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz,
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz".

"Chorai, orvalho da noite,
Soluçai, ventos errantes,
Astros das noites brilhantes

Sede os círios do infeliz!
Que o cadáver insepulto,
nas praças abandonado,
É um verbo de luz, um brado
Que a liberdade prediz."

"Palmares! a ti meu grito!
A ti, barca de granito,
Que no soçobro infinito
Abriste a vela ao trovão.
E provocaste a rajada,
Solta a flâmula agitada
Aos uivos da marujada
Nas ondas da escravidão!"

No peito ardente do jovem,
do poeta d'alma agitada,
há um coração sô amor,
batendo em "A Cruz da Estrada":

"Caminheiro que passas pela estrada,
Seguindo pelo rumo do sertão,
quando vires a cruz abandonada,
deixa-a ficar a sôs (...) na solidão.

É de escravo humilde sepultura,
foi-lhe a vida o velar de insônia atroz.

Deixa-o dormir no leito de verdura
Que o Senhor dentre as relvas lhe compôs.

Não precisa de ti, o gaturamo
Geme, por ele, à tarde, no sertão.
E a juriti, do taquaral no ramo,
Povoa, soluçando, a solidão.

Dentre os braços da cruz, a parasita,
num abraço de flores, se prendeu.
Chora orvalhos a grama, que palpita;
Lhe acende o vagalume o facho seu.

Quando, à noite, o silêncio habita as matas,
A sepultura fala a sós com Deus.
Prende-se a voz na boca das cascatas,
E as asas de ouro aos astros lá nos céus.

Caminheiro! do escravo desgraçado
o sono agora mesmo começou!
Não lhe toques no leito de noivado,
Há pouco a liberdade o desposou!"

Nosso poeta grita,
impreca, concita, implora,
penetra n'alma do povo
e o pendão auri-verde deplora:

"Existe um povo que a bandeira empresta
p'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meus Deus, meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na vaga tripudia?...
Silêncio!... Musa! chora, chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto...

Auriverde pendão da minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra,
E as promessas divinas da esperança...
Tu, que da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu na vaga,
Como um iris no pêlago profundo!...
...Mas é infâmia demais... Da eterna plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo...
Andrada! arranca este pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta de teus mares!"

Nele, porém, não há ódio,
antes uma alma de escol;
e canta cheio de esp'rança
da pátria amada o arrebol.

"Ó Pátria, desperta... Não curves a fronte
Que enxuga-te os prantos o Sol do Equador.
Não miras na fimbria do vasto horizonte
A luz da alvorada de um dia melhor?

Já falta bem pouco. Sacode a cadeia
Que chamam riquezas... que nōdoas te são!
Não manches a folha da tua epopéia
no sangue do escravo, no imundo balcão.

Sê pobre, que importa? Sê livre... és gigante,
Bem como os condores dos píncaros teus!
Arranca este peso das costas do Atlante,
levanta o madeiro dos ombros de Deus".

Sabia, mais que ninguém,
ser urgente, ter premência,
sacudir a alma do povo,
parindo-lhe a consciência!

"Bendito o que semeia
livros, livros a mancheia

e manda o povo pensar.
O livro caindo n'alma
é o germe que faz a palma
é a onda que faz o mar!"

Sua vida é um paradoxo:
ceifada em pleno frescor,
morre o abolicionista,
inteiro escravo do amor.

De muitos outros, é certo
poder-se-ia falar.
Só não falo porque sei
vocês não iriam aguentar!

De fato, se eu falasse,
de todos, bem direitinho
já sei o que ocorreria:
ficava falando sozinho!...

Tenho, sim, muita vontade
de pô-los todos à prova,
mas temo acabem vocês
odiando a arte da trova.

VIII- RESCALDOS COLATERAIS

Extraíamos, pois, agora,
já próximos do final,
da louvada abolição
as conseqüências, o mal.

Aos negros, eis a verdade,
a abolição, golpe de morte,
pois que foram abandonados,
entregues à própria sorte!

Que ela ocorreu, é fato.
E quem diz sabe o que fala.
Só o branco, depois dela,
é que se livrou da senzala...

A abolição, meus caros,
dada assim de inopino,
facilitou para o branco;
ao negro, o mesmo destino.

Afinal, o que é melhor,
em meio a tanta maldade?
Ser escravo no latifúndio
ou ser pária na cidade?

Embora jungido à gleba,
bem ou mal ele comia;
livre agora, libertado,
maior é a sua agonia.

Do senhor escravocrata,
chibatadas nas costas, no peito;
do branco comum das ruas,
o tapa do preconceito.

Antes, eram doridas
algemas, nos pés, na mão;
agora dói, e bastante,
sofrer discriminação.

Foi essa, pois, a vingança,
do escravagista senhor:
"lhe damos a liberdade
mas lhe cobramos penhor".

E tal penhor é, de fato,
do negro o seu calvário;
livre, livre da senzala,
escravo do seu fadário.

Enquanto os brancos, só aplausos
ao ato de Izabel,
os negros, só incertezas
da vida tragando o fel.

Lutando, porém, com afinco,
temendo embora temores,
os negros, então, rejeitaram
a condição de inferiores.

No entanto, tal rejeição,
não se fez plena e total.
O negro na atualidade,
não dá mostras, nem sinal.

Destarte, da mesma forma
que me julgo superior,
o negro, volta e meia,
se denuncia inferior.

Tem, portanto, só razão,
o negro Amilcar Cabral:
a luta por libertação
é um ato cultural.

Não há, então, só por que
soltar a algema da mão;
é relevante, também,
galgar nova posição!

IX- EPÍLOGO

Se o preconceito social,
com olhos úmidos fito,
sei que "democracia racial"
jamais foi senão um mito.

Cobiçamos, na mulata,
a graça da sua ginga;
mas prá nós, seu ancestral
não beb'água; engole pinga...

Arrotamos que à toda a raça
nosso amor de branco cresce;
e cochichamos ao ouvido:
"negro não nasce, aparece"...

Vivemos a elogiar
a figura de Calunga,
e deixamos escapar:
"negro não fala, resmunga"...

Dizemos que entre nós,
a rejeição é defunta;
e sussurramos ao outro:
"negro não casa, se ajunta"...

Mesmo o próprio Lobato,
co'a Tia Nastácia de efeito,
não conseguiu, homem bom,
furtar-se ao preconceito.

A gente, então, se comporta,
como querendo falar:
- Todo negro é gente, sim,
desque saiba o seu lugar...

---*---*---*---

Não sei não, querido negro,
se lhe darei de mão beijada;
posição que lhe pertence,
me deve ser arrancada!

E se me furto, meu caro,
a dar-lhe aquilo que é seu,
é porque guardo comigo,
o que o atavismo me deu.

Se lhe nego, não por ódio,
ou seja lá o que for,
suplico de mim arranque
o que é seu, com amor!

Se com amor não puder,
se tiver de ser com luta,
que assim seja, amém,
ao menos você desfruta!

Com o resto de humildade
- que confesso não ser tanto -
desejo do Cristo negro,
lavar os pés, com meu pranto!

Meus queridos, chega a hora
e fico, então, por aqui
tirando o meu chapéu
ao grande negro Zumbi.

Ah! como eu queria,
que o verso de Herculano fosse meu:
" - Tu que passas, descobre-te.
Aqui dorme o valente que morreu!"

Ah! como aprecio este verso,
do de Herculano contraste:
- Tu que passas, envergonha-te.
Aqui dorme o valente que mataste!

---*---*---*---*---*---